

A DECLARAÇÃO DE FÉ BATISTA DE NEW HAMPSHIRE

*Gilson Santos **

*"A Inglaterra, uma velha ilha exausta, deverá contentar-se um dia,
como outros países, em ser forte somente em seus filhos."
(Emerson, 1803-1882, Traços Ingleses, XVI)*

O final do século XVIII e início do século XIX, mais precisamente o período entre 1789 e 1823, marcou o processo de consolidação da independência das colônias norte-americanas. Adotada a Constituição, em junho de 1788, o governo central da nova república, ainda pouco robusto devido ao fracionamento acentuado das colônias, tratou de consolidar a União e resolver as questões diplomáticas com os países europeus. O país crescia rapidamente, aberto aos imigrantes europeus que chegavam em grandes levadas.

Agravou-se no período o antagonismo entre os Estados Unidos e a Inglaterra, que ainda não aceitava a independência norte-americana como um fato consumado, em que pese a manutenção dos vínculos econômicos, principalmente com os estados agrícolas do Sul. As relações se tornaram insustentáveis e o conflito foi inevitável: estourou a guerra contra os ingleses, chamada de *Segunda Guerra da Independência* (1812-1814), impondo algumas perdas aos Estados Unidos. Entre as conseqüências, reforçaram-se os sentimentos nacionalistas e se consolidou a União. Acentuou-se também um sentimento antibritânico e a valorização do feito americano (*made in USA*). Em 1823 a *Doutrina Monroe* - "*A América para os Americanos*" - vedava às potências européias novos empreendimentos coloniais na América.

Alguns teólogos que viveram o processo de independência interpretavam este movimento, para o surgimento da nova nação, recorrendo ao conceito de uma relação pactual. Por este conceito, Deus estaria conduzindo toda a história para a formação de um "Novo Israel". Assim, encarava-se a oposição inglesa como oposição ao propósito divino. Uma exacerbação da Teologia do Pacto - um dos fundamentos da teologia reformada, mormente, puritana - legou raízes profundas à mentalidade norte-americana, especialmente na Nova Inglaterra (atual nordeste dos Estados Unidos).¹

Promovida a reafirmação da soberania há um reavivamento das forças do Nacionalismo e do Liberalismo. Há o aprofundamento da economia capitalista, em especial na Nova Inglaterra em industrialização. E a herança colonial tornou-se, de certa maneira, um problema para os EUA. Reconhecer que sua história transcorreu como colônia da Inglaterra não parecia algo muito agradável para muitos.

1. Prosperidade e Reformismo

Durante as primeiras décadas do século XIX, a população dos Estados Unidos teve um crescimento substancial, mais como resultado de uma reprodução natural do que em conseqüência da imigração. O censo de 1810 contou a existência de 7.240.000 americanos,

* O autor é bacharel em teologia e licenciado em história, pastor evangélico batista, ocupando atualmente o ministério pastoral na Igreja Batista da Graça, em São José dos Campos, SP. Cooperou na equipe editorial da revista "*Fé para Hoje*" da Editora Fiel, e exerce a função de presidente da Comunhão Reformada Batista no Brasil (CRBB), período 2004/2005.

¹ Cf. MARSHALL, Peter & WALTER, Ian. "A primeira nova nação". In: BRADBURY, Malcolm & TEMPERLEY, Howard (Orgs.). *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, pp. 66-72.

um salto de quase dois milhões em apenas dez anos.² A paz que veio depois da Guerra de 1812, assinada com a Grã-Bretanha em 1815, abriu o caminho para o surgimento de uma grande onda de desenvolvimento. As melhorias de transporte e comunicação criavam novos mercados e os avanços no processamento de matérias-primas conduziram às primeiras agitações da industrialização. As novas condições, a expansão e a migração para o oeste, e a política interna ajudaram na emergência de uma nova nação, com poderes e riquezas imensos. Toda uma série de reformas começou a surgir, próprias de uma sociedade que começava a mudar da agricultura para o comércio e a indústria. O nacionalismo crescente revelava um sentimento de orgulho e determinação americanos. A "Era de Jackson" (de Andrew Jackson, presidente americano), como foi denominado o período da década de 1820 até a década de 1840, foi uma época turbulenta e cheia de acontecimentos.

Este foi um período em que houve grandes conquistas democráticas, com a evocação de um elevado senso de soberania popular. O espírito da aristocracia, tão próprio do século anterior, e ainda resistente no Sul, estava morrendo na América. Embora algumas injustiças persistissem ou até aumentassem durante a era da democracia, isso aconteceu em contraposição a uma crença de que a igualdade era o princípio governante da sociedade americana. O herói popular era o *self-made-man*, o homem que subia a ladeira do sucesso através de seus esforços, sem esquecer suas origens.

Quando o francês Alexis de Tocqueville (1805 - 1859), idealista liberal, visitou a América logo após 1830, em suas observações, percebeu que os americanos pareciam estar sempre em mudança, autoconfiantes e em grande parte livres de qualquer tradição. As observações de Tocqueville em *Democracy in America (Democracia na América)* servem para mostrar até que ponto os primeiros anos da década de 1830 foram um período chave na história do país. A nação que emergiu era extremamente aberta e tinha uma inclinação maior para a experimentação. Era autodependente e sabia questionar a autoridade. Mas era também um país que muitas vezes se recusava a olhar para o passado ou aprender com a experiência.

O *Romantismo*, que se desenvolveu principalmente por volta de 1820, tornou-se estimulante à partir da década seguinte. Para os jovens da década de 1820, a velha geração parecia triste e burguesa, toda ela confortavelmente britânica clássica, respeitável demais, complacente nos seus pontos de vista. O romantismo que se desenvolveu era em muitos aspectos o oposto do clássico que aborrecia os jovens. Dava ênfase às emoções e à imaginação e relegava a segundo plano as faculdades racionais e científicas. Dava ênfase à dignidade do homem comum e à sua infinita capacidade de crescer, desde que alimentado num ambiente favorável.

O período anterior à Guerra Civil assistiu, assim, ao sonho perfeccionista, e especialmente a classe média vivia obcecada com a procura da saúde pessoal, da felicidade e da perfeição moral. Este reformismo era "a um tempo uma crítica à realidade americana e a celebração da promessa da América".³

2. "Novas Luzes" Religiosas

Em termos religiosos, este período assistiu a algumas rupturas com as heranças inglesas. Desenvolve-se uma valorização das instituições e labores nacionais. A diferença não residia tanto na questão do conteúdo, como na questão da marca. Há a valorização do feito americano.

² DIVINE, Robert A. et al. *América: Passado e Presente*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1992, p. 170.

³ Id., *ibid.*, p. 255.

Imediatamente após a independência, associações e organizações nacionais serão constituídas por algumas denominações. Os batistas cresceram muito, bastante beneficiados pelo *Grande Despertamento* que alcançou as igrejas evangélicas norte-americanas a partir de 1733. Em 1814, visando ao movimento missionário, organizaram em Filadélfia a *Convenção Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos para Missões no Estrangeiro*. Como tinha resolvido reunir-se de três em três anos, e devido ao tamanho do nome, foi apelidada de "Convenção Trienal".⁴

Desenvolvimentos havidos no período nascente da República ajudaram a reforçar traços distintivos do período colonial e acrescentar outros, os quais fizeram com que o cristianismo nos Estados Unidos tivesse um formato diferente daquele praticado no Velho Mundo. Era claramente a continuação do cristianismo histórico, mas também adquiriu distinções. Superficialmente parecia mais uma variante moderada do praticado no Velho Mundo, porque havia descendido do da Europa e a maioria dos que tinham uma relação formal com a fé, estavam em denominações que haviam tido sua origem no outro lado do Atlântico, as quais permaneciam em comunhão com suas igrejas mães. Além disso, muitas das forças e movimentos que afetavam o cristianismo na Europa, se encontravam nos Estados Unidos. Porém, houve diferenças surpreendentes. Em muitos aspectos o cristianismo norte-americano era de uma classe única, e com o andar do tempo, movimentos inatos nos Estados Unidos aumentavam as diferenças. O rápido crescimento da população, do território, e da riqueza, assim como do esforço missionário de suas igrejas, favoreceram a que este país viesse a ter uma participação crescente no cristianismo mundial e na vida da humanidade.⁵

Nas igrejas, a cultura democrática da soberania popular significava que essas estavam cada vez mais sob o controle dos "leigos". A maior secularização da sociedade vinha favorecendo o declínio da autoridade de muitos líderes religiosos. Ministros das igrejas vinham cessando de exigir respeito meramente por causa da sua posição. Alguns, para serem bem-sucedidos em seus apelos, eram tentados a desenvolver um estilo mais popular e emotivo de pregar. "Os pregadores, assim como os políticos, prosperavam ao agradar o público".⁶

Um acontecimento chave do período foi a chegada do *Metodismo* à América. Os metodistas providenciaram também boa parte da energia, assim como apresentaram os exemplos que deram energia a um certo número de outras igrejas, de tal forma que dominaram a cultura que emergiu antes da Guerra Civil. Quando os pastores da escola Wesleyana começaram a chegar, sendo arminianos em termos teológicos, encontraram chão fértil; as doutrinas de eleição e predestinação eram questionadas por muitos, e alheias especialmente aos pastores de menor acesso à educação formal. As pessoas estavam prontas para adotar uma nova fé que as aceitasse como eram e que injetasse um novo emocionalismo, um novo sentido de missão e importância para suas vidas. Os sermões ignoravam as idéias e procuravam a resposta emocional. Primeiro, sentir, depois pensar! "A inteligência e a sobriedade saíram de moda", diz Crunden.⁷

Assim, o protestantismo americano viveu um estado de fermentação constante durante o início do século XIX. Assistiu-se à separação entre a Igreja e o Estado. Grupos historicamente

⁴ Luther Rice, amigo de Adoniram Judson, também missionário congregacional enviado a Índia, foi igualmente batizado, tornando-se batista. Decidiu-se, então, que Judson permaneceria no Oriente, e Luther Rice voltaria aos Estados Unidos para mobilizar os batistas para a obra missionária. A "Convenção Trienal" resultou, em grande medida, do empenho direto e pessoal de Rice.

⁵ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Historia del Cristianismo*. 3a. ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1977, vol. 2, pp. 432-434, 637-642.

⁶ DIVINE, op. cit., p.220.

⁷ CRUNDEN, Robert M. *Uma Breve História da Cultura Americana*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994, pp. 110-112.

separatistas e independentes, como os batistas e os metodistas, adaptaram-se bem a liberdade religiosa, experimentando notável crescimento. O denominado “Segundo Reavivamento”, que teve na figura de Charles G. Finney um dos seus líderes mais destacados e controversos, deu ênfase ao poder de escolha do homem e à possibilidade de uma vida totalmente santificada. Este novo tipo de evangelicalismo, que estimulava a busca da perfeição, gerou uma série de propostas reformistas, e proporcionou à classe média um sentido mais forte de identidade e de propósitos. E este movimento reformista moral e religioso, gerado em especial pelo “Segundo Reavivamento”, envidou esforços para promover a piedade evangélica, elevar a moralidade pessoal e pública, formar o caráter através da disciplina familiar ou institucional. A cultura evangélica nas décadas de 1820 e 1830 influenciou a família como instituição e inspirou novas concepções a respeito do seu papel na sociedade americana; deu novo sentido ao papel do sexo e do casamento; descobriu a infância; expandiu o sistema educacional; criou asilos e uma série de sociedades cooperadoras, missionárias e reformadoras - coletivamente reconhecidas como "o império benevolente". Mais radical foi a empreitada abolicionista, a qual teve como êxito trazer a questão da escravatura para o primeiro plano da consciência pública, e convenceu um segmento substancial e crescente da população nortista de que a instituição peculiar do Sul estava moralmente errada, e era um perigo para o sistema americano de vida. Mais radical também foi o movimento visando ao direito das mulheres, que reivindicava, entre outras coisas, o direito do voto e de controlar suas propriedades.

Significativa parcela da classe média reformista, cheia de esperança de perfeição individual e social, começou a enxergar a doutrina calvinista ortodoxa como “dura” e “pessimista”, com suas ênfases na soberania de Deus, no pecado original e na predestinação. Pareceu a muitos que este sistema doutrinário tinha apelo limitado numa república comprometida com a liberdade e o progresso humanos. Uma geração mais nova de pastores começa a reformar o puritanismo dos dias primitivos da Nova Inglaterra, para aumentar seu apelo entre gente que partilhava do otimismo predominante acerca das capacidades humanas.

Entre as marcas distintivas do cristianismo norte-americano no princípio do século XIX, podemos então destacar: o cristianismo era de grande variedade, predominantemente protestante, e com as denominações protestantes mais radicais (batistas, metodistas, etc) na maioria; todas as igrejas tendiam a ser legalmente iguais sem que nenhuma delas gozasse de uma posição privilegiada; dava-se grande importância à evangelização; a ênfase concomitante numa “ciência da conversão”, reunida a outros fatores, estava provocando uma reação à teologia agostiniana ou reformada, geralmente chamada de calvinismo, que era a herança comum das denominações que juntas tinham a maioria dos membros de igrejas; e, havia, entre muitos cristãos, o propósito ambicioso de trazer toda a sociedade a uma conformidade com as normas e ideais cristãos.

O afastamento por parte de muitos, especialmente na Nova Inglaterra, do agostinianismo como tradicionalmente se ensinava, produziu, por outro lado, reações por parte daqueles que abraçavam a fé histórica das igrejas reformadas. Os compêndios teológicos do presbiteriano *Charles Hodge*, e mais tarde, do batista *Augusto Hopkins Strong*, representam esforços nesse sentido. Também a *Declaração de Fé Batista de New Hampshire* resultou dum esforço nessa direção, inicialmente, em termos mais regionais e modestos, e numa época mais remota.

3. Crescimento dos Batistas Arminianos

Entre os batistas americanos primitivos, para os quais a liberdade religiosa constituía um princípio querido, o direito de divergir foi cuidadosamente sustentado. Às vezes, como na última parte do século XVIII, este privilégio quase chegava às raias da desordem.

Os principais líderes do Avivamento eram calvinistas, e o sucesso deste movimento inspirou um grande zelo evangelístico a muitos dos que aderiram à doutrina reformada. "A tradição teológica do calvinismo prevaleceu entre os batistas depois de 1800", diz Torbet.⁸ Todavia, existiam pequenos grupos que divergiam do padrão tradicional em uma ou mais particularidades. O certo, porém, é que os que mantinham doutrinas arminianas ou hiper-calvinistas representavam desvios das normas teológicas.

Entre as pequenas corporações arminianas podemos mencionar *Os Batistas Gerais dos Seis Princípios*, organizados em Rhode Island em 1670; *Os Batistas Originais do Livre Arbítrio*, grupo que organizou-se na Virgínia e Carolina do Norte, e que vai exercer alguma influência mais expressiva no Sul dos EUA nas primeiras décadas do século XX; *Os Batistas Separados ou da Nova Luz*, na Nova Inglaterra, os quais foram absorvidos mais tarde pelos Batistas Regulares.⁹

Contudo, entre os batistas arminianos, *Os Batistas do Livre Arbítrio* (Free Will Baptists) foram evidentemente os mais proeminentes. O seu fundador e líder foi Benjamim Randall, filho de um capitão da marinha mercante de New Castle, New Hampshire. Era alfaiate, obtendo deste ofício o seu sustento, mesmo depois de sua consagração. Convertido pela influência de George Whitefield, ainda que depois da morte deste, uniu-se a uma igreja congregacional, mas, em breve, ficou desanimado com o mundanismo dos membros dessa igreja. Depois de haver servido no Exército Continental, convenceu-se da validade do batismo de crentes estudando por si mesmo a Bíblia. Foi batizado e uniu-se à Igreja Batista de Berwick, Maine, em 1776. Enquanto evangelizava na Nova Inglaterra, enfrentou a crítica de alguns batistas hiper-calvinistas de New Hampshire e Maine. Transferiu-se para a Igreja Batista Arminiana de Crown Point em Strafford, New Hampshire, e foi consagrado ao ministério em abril de 1779, em New Dürham, onde organizou a Igreja Batista Livre, em 30 de junho.

Partindo de New Dürham como centro - desde 1781 a 1792 - estabeleceu várias novas igrejas. Organizando reuniões periódicas entre as igrejas, logo viu acorrer a estas reuniões milhares de pessoas. Os Batistas do Livre Arbítrio tiveram grande aceitação da parte da classe média da Nova Inglaterra. Quando Randall morreu, em 1808, devido às privações sofridas nas longas jornadas, havia 130 igrejas com 6.000 membros e 110 pastores. Os seus princípios de "livre graça", "livre salvação", "livre arbítrio" e "livre comunhão" tornaram-se cada vez mais aceitáveis nos estados do Norte.

Vinte anos depois da morte de Randall reinava confusão entre os *Free Will Baptists*. Todavia John Buzzel, de Maine, e John Colby, de New Hampshire conseguiram evitar o descalabro. Em outubro de 1827 foi organizada a *Conferência Geral dos Batistas do Livre Arbítrio*. Numa das primeiras sessões decidiu-se consagrar negros ao ministério; isto constituía uma previsão da sua futura oposição à escravatura. Mais tarde consagraram também mulheres ao ministério. O período que vai de 1830 a 1845 foi de crescimento rápido, aumentando o número de membros para 60.000, com igrejas estendendo-se até o Illinois. Mesmo passando depois por algumas sérias controvérsias, com alguns deixando a denominação, por discordarem de ministério com educação formal, escolas dominicais e sociedades missionárias, ainda assim, depois da Guerra Civil o seu progresso foi regular.

Em 1910 enumeravam-se 1.586 igrejas em 51 Associações com 90.000 membros entre 33 estados. Em 1911 a sua união com a Convenção Batista do Norte - o maior agrupamento

⁸ TORBET, Robert G. *A History of The Baptists*. 3a. ed. Filadélfia: The Judson Press, 1973, p. 254.

⁹ *Ibid.*, pp. 256-257.

de batistas do Norte - indica a tendência crescente de tolerância da doutrina do “livre arbítrio”, da parte dos batistas de herança calvinista.¹⁰

4. A Declaração de Fé de New Hampshire

No início do século XIX, porém, os batistas de herança calvinista procuraram reagir à emergência dos Batistas do Livre Arbítrio. Em New Hampshire, pequeno estado da Nova Inglaterra, a influência dos batistas arminianos era crescente, e preocupava.

Em 24 de junho de 1830, a Convenção Batista do estado de New Hampshire nomeou uma comissão com a seguinte recomendação: “preparar, e apresentar nas próximas sessões anuais, uma Declaração de Fé e Prática, junto com um Pacto, os quais possam exprimir o pensamento agradável e consistente com a visão de todas as nossas igrejas neste estado”.¹¹ Após um longo trabalho¹², um projeto final foi apreciado e aprovado, em 15 de janeiro de 1833, reputando-se a Declaração de Fé como “digna da nossa inteira aprovação, e é por nós cordialmente recomendada às igrejas para sua adoção”.¹³ Foi publicada, pois, em 1833, com a autoridade da Junta Estadual da Convenção de New Hampshire. O texto original desta Confissão continha 16 artigos.

É importante salientar o contexto em que tal Declaração de Fé foi elaborada. A Nova Inglaterra abre o século XIX numa hegemonia cultural nos Estados Unidos. Uma consequência desta posição hegemônica em termos culturais foi que, quando entre os anos de 1830 e a Guerra Civil, ocorreu uma extraordinária eflorescência de literatura, artes e idéias que atualmente é chamada de a “Renascença Americana”, e a Nova Inglaterra era seu nítido centro. À partir da Revolução, os norte-americanos viram-se famintos por uma declaração de independência literária e cultural tão potente quanto sua independência política. Obras literárias pediam uma “cultura nacional específica moldada pela história americana, pela democracia americana e pelo otimismo americano”. A Pensilvânia e Nova York rivalizavam com a Nova Inglaterra, mas o papel da Nova Inglaterra era apoiado por suas características econômicas, demográficas e culturais. Filadélfia e Nova York eram pontos-chaves de discussão e disseminação, mas era Boston, Massachusetts, o grande centro da erudição, que se impunha como a capital cultural. Ralph Waldo Emerson, um dos escritores proeminentes na primeira metade do século XIX, enfatizava o papel central e estimulador desempenhado pela Nova Inglaterra: dos “bares, salões de conferências, salões de comissões” da Nova

¹⁰ *Ibid.*, p. 261.

¹¹ LUMPKIN, William L. *Baptist Confession of Faith*. 1a. ed. Filadélfia: The Judson Press, 1959, p. 360.

¹² Foram nomeados em comissão os senhores N. W. Williams, William Taylor e I. Person. Mas não estando pronto o trabalho no ano seguinte, a tarefa foi transferida para I. Person apenas. Como solicitado pela Convenção, Person submeteu o esboço da confissão à Junta Executiva da Convenção em 26 de junho de 1832. O esboço foi então entregue a uma outra comissão formada por Barrow Stow, John Newton Brown, Jonatham Going e o próprio Person para reforços e melhoramentos. Essa comissão deu parecer favorável à Convenção, dois dias depois, mas a Convenção entregou-a para a apreciação da Junta Executiva. A Junta Executiva, no dia seguinte, determinou que os pastores Stow e Brown apresentassem relatório na reunião seguinte da Junta. Em sua reunião de outubro, portanto, a Junta recebeu o relatório, discutiu-o, fez algumas mudanças, deu por findo o trabalho e incumbiu o pastor John Newton Brown de preparar uma redação final, com as emendas, para a reunião seguinte. Em 15 de janeiro de 1833 o pastor Brown apresentou o trabalho completo: a única mudança feita foi a substituição da palavra “artigo” por “declaração”. A Junta Executiva aprovou o projeto de Declaração de Fé como preparada pelos pastores Stow e Brown.

¹³ MCGLOTHLIN, W. J. *Baptist Confessions of Faith*. Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1910, p. 300.

Inglaterra que "muitas palavras saltavam vivas" e "enchiam o mundo com seu estrondo".¹⁴ Assim, idéias da Nova Inglaterra moldaram idéias nacionais de maneira profunda.

Quase ironicamente, dos "salões batistas" do pequeno estado de New Hampshire, a Declaração de Fé "saltou viva" para o resto do país. Foi, entretanto, graças ao trabalho de J. Newton Brown que a Declaração de New Hampshire tornou-se conhecida fora de seu modesto estado de origem. Em 1853, vinte anos mais tarde, o pastor J. Newton Brown, agora Secretário Editorial da *Sociedade Publicadora Batista Americana* (*American Baptist Publication Society*), por sua própria iniciativa e autoridade, fez uma revisão à Confissão. Além de revisá-la, ele acrescentou dois artigos ao original, um sobre "Arrependimento e Fé" e o outro sobre "Santificação". Essa versão, agora com 18 artigos, ele publicou no *Manual da Igreja Batista* (*The Baptist Church Manual*), livro largamente divulgado nos Estados Unidos. De Filadélfia, onde estava sediada a Sociedade Publicadora, esta Declaração de Fé foi, assim, amplamente disseminada, sendo posteriormente publicada em vários livros e outros manuais.

Em 1867, J. M. Pendleton, pastor em Upland, Pensilvânia, incorporou no Manual da sua Igreja esta Declaração, e como um líder do movimento dos batistas Landmarquistas (*Landmark Baptist*), ele assegurou sua adoção como declaração de doutrina para as igrejas e associações do tipo "Landmark".¹⁵ O silêncio da Declaração na doutrina da Igreja Universal fê-la particularmente adaptável para as ênfases deste grupo na congregação local e visível. Também Edward T. Hiscox colocou-a em seu *Standard Manual* e em seu *New Directory*, fazendo ampliações em cada tempo.¹⁶ B. H. Carroll, ao organizar o Seminário Teológico Batista do Sudoeste (*Southwestern Baptist Theological Seminary*), adotou a Declaração de New Hampshire, mudando só uma palavra. A Junta do Seminário apoiou, e a adoção da mesma foi homologada pela Convenção do Sul, votando unanimemente. A instituição teológica, organizada primeiramente como *Baylor Theological Seminary* em 1905, mudou-se

¹⁴ BOLT, Christine & LEE, A. Robert. "A Nova Inglaterra na Nova Nação". In: BRADBURY & TEMPERLEY (Orgs.), *op. cit.*, pp. 99-104.

¹⁵ James R. Graves (1820-1893), ministro sincero e dedicado, e grande defensor da inspiração plenária e verbal das Escrituras, conduziu um movimento no Sul dos Estados Unidos que veio a ser denominado "*Landmark Controversy*", marcado por uma particular eclesiologia. Graves insistiu por uma renovação nas igrejas baseada num retorno às "Old Landmarks" (expressão inglesa, literalmente, *land*=terra + *mark*=marca, que enfatiza os "marcos" de um local). Segundo Graves, uma verdadeira igreja teria algumas marcas distintivas, e incluía uma ênfase na congregação local (com a correspondente negação da existência atual e terrena de uma igreja universal) e a necessidade de uma administração autorizada das ordenanças, antes de serem consideradas como válidas. Isto estava intimamente relacionado à crença de Graves de que Cristo, na *Grande Comissão*, prometeu que haveria uma sucessão histórica de verdadeiras igrejas. O nome destas igrejas poderia variar através dos anos, mas Graves identificava estas igrejas como Igrejas Batistas. Conseqüentemente, nenhum batismo poderia ser válido se este não foi celebrado por uma congregação batista local corretamente constituída, e a mesa da Ceia do Senhor deveria acolher apenas os membros da Igreja Batista local.

Utilizando seu jornal "*The Tennessee Baptist*", ele influenciou muita gente. Nos Estados Unidos, foi organizada em 1905 a *Associação de Batistas Landmarquistas*, como uma reação às tendências centralizadoras na Convenção do Sul. Mais tarde o grupo tomou o nome de "*American Baptist Association*", que endossou a Declaração de Fé de New Hampshire. E, em 1950, a associação dividiu-se (por motivos não essencialmente doutrinários) e diversas igrejas formaram a "*North American Baptist Association*".

Alguns elementos da eclesiologia landmarquista tiveram grande influência entre teólogos Batistas do Sul, até porque havia muitos elementos em comum em sua eclesiologia. No Brasil, alguns missionários (principalmente os oriundos da região sudoeste dos Estados Unidos, onde predominavam idéias landmarquistas) e líderes foram grandemente influenciados pelo movimento landmarquista, particularmente pelo livro do bom amigo de Graves, J. M. Pendleton, "*Christian Doctrine*" (1878) e pelo livro de J. M. Carroll, "*O Rastro de Sangue*". Entre as ênfases landmarquistas, que permanecem entre batistas no Brasil, incluem-se: esforços para se confirmar uma linhagem histórica batista desde os tempos do Novo Testamento; tentativas de dissociar os batistas do protestantismo; e uma resistência em reconhecer como válida qualquer ordenança realizada por igrejas evangélicas não-batistas.

¹⁶ LUMPKIN, *op. cit.*, p. 361.

para Fort Worth, Texas, em 1908, passando a ser instituição dos Batistas do Sul dos Estados Unidos. É bom lembrar que Carroll muito influenciou os pioneiros batistas no Brasil, notadamente Bagby, e legou marcas ao pensamento teológico de líderes denominacionais em terras brasileiras.¹⁷

A Declaração foi reafirmada e aceita por vários grupos batistas no século vinte. A *Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares*, por exemplo, adotou a Confissão, tal como a revisou Hiscox, isto é, com um adendo de interpretação premilenista ao último artigo. Ainda nos círculos fundamentalistas, também outros grupos, protestando contra o liberalismo teológico, adotaram a Declaração de New Hampshire. Em 1925 a *Convenção Batista do Sul*, baseando-se na Declaração de New Hampshire, acrescentou artigos, suprimiu alguns, e elaborou sua própria Declaração. Esta foi a *Declaração da Fé e Mensagem* dos Batistas do Sul dos Estados Unidos.

M. A. Noll assim se expressa em relação à Declaração de New Hampshire em verbete na *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*:

A Confissão de Nova Hampshire é relativamente breve (...) pequenos artigos que tratam desde "as Escrituras" até o "Mundo do Porvir". De modo geral, grande parte dela relembra a fé dos protestantes ortodoxos. O artigo sobre as Escrituras, "o padrão supremo pelo qual devem ser testados a conduta, os credos e as opiniões humanas", contém esta declaração freqüentemente repetida: "Deus é seu autor; a salvação é seu fim; e a verdade, sem qualquer mistura de erro, é seu assunto". Igualmente evangélicos são os artigos sobre Deus ("Criador e Supremo Governante do céu e da terra") e salvação ("totalmente pela graça, através dos ofícios mediadores do Filho de Deus").

Outras partes da confissão são mais batistas. Ela define "a Igreja visível de Cristo" como "uma congregação de crentes batizados, unidos por uma aliança", e os "únicos oficiais apropriados" para tal igreja são "bispos ou pastores, e diáconos". O batismo é "a imersão do crente em água" como "um belo e solene emblema" da "fé num Salvador crucificado, sepultado e ressurrecto".

A tendência geral da confissão é moderadamente calvinista (...).

(...) Hoje, muitos batistas modernos, embora não dispostos a tratar a declaração como uma regra de fé unificadora, ainda encontram na Confissão de Nova Hampshire um modelo sadio da fé cristã.¹⁸

É a seguinte a ordem dos artigos na Declaração de New Hampshire, de acordo com a versão de 1853: I - Das Escrituras, II - Do Verdadeiro Deus, III - Da Queda do Homem, IV - Do Meio da Salvação, V - Da Justificação, VI - Da Gratuidade da Salvação, VII - Da Graça da Regeneração, VIII - Do Arrependimento e da Fé, IX - Do Propósito da Graça de Deus, X - Da Santificação, XI - Da Perseverança dos Santos, XII - Da Harmonia entre a Lei e o Evangelho, XIII - De Uma Igreja Evangélica, XIV - Do Batismo e da Ceia do Senhor, XV - Do Sábado Cristão, XVI - Do Governo Civil, XVII - Dos Justos e dos Ímpios, XVIII - Do Mundo Vindouro.

CRONOLOGIA

¹⁷ Sobre o relacionamento dos missionários pioneiros no Brasil com B. H. Carroll, veja, HARRISON, Helen Bagby. *The Bagbys of Brazil*. Nashville: Broadman Press, 1954, p. 3.

¹⁸ NOLL, M. A. "Confissão de Nova Hampshire". In: ELWELL, Walter A. (ed.), *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988, vol. I, pp. 333-334.

- 1775-83: Guerra da Independência Americana
1776: Declaração de Independência dos E.U.A. / Inglaterra: Máquina a Vapor
1779: Benjamin Randall organiza a Igreja Batista Livre em New Dürham, New Hampshire
1781: *Crítica da Razão Pura*, de Immanuel Kant
1785: *The Gospel Worthy of All Acceptation*, de Andrew Füller
1787-88: Constituição Federal Americana
1789: George Washington presidente/ França: tomada da Bastilha
1790-1800: Timothy Dwight (neto de Edwards) e Asahel Nettleton: "reavivamento conservador" na Nova Inglaterra
1790: O primeiro censo dos Estados Unidos mostra uma população de 3,9 milhões de habitantes
1792: *Sociedade Batista Particular para Propagar o Evangelho entre os Pagãos*, atual SMB, organizada em Londres
1793: Carey na Índia
1795: Backus calcula 1.152 Igrejas Batistas pelos 16 estados e territórios norte-americanos
1799: *Discursos sobre a Religião, Endereçados aos Desdenhadores Cultos*, de Frederick Schleiermacher
1801: Thomas Jefferson presidente
1804: França: Napoleão Imperador/ Fundação da *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*
1807: *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel
1812-14: Guerra entre E.U.A. e Grã-Bretanha
1812: Adoniran e Ann Judson tornam-se batistas na viagem para a Índia
1814: Organizada a "*Convenção Batista Trienal*"
1816: Fundação da *Sociedade Bíblica Americana*
1822: Brasil: Grito do Ipiranga
1823: A Doutrina Monroe: "A América para os americanos"
1827: Organização da *Conferência Geral dos Batistas do Livre Arbítrio*
1828-40: Andrew Jackson presidente
1830-42: *Curso de Filosofia Positiva*, de Augusto Comte
1830-31: Charles G. Finney em Rochester, Nova York: "Novas Medidas" na evangelização e ação social
1831-32: Alexis de Tocqueville nos E.U.A
1833: **Aprovação da Declaração de Fé de New Hampshire**
1840: A Sociedade Americana Anti-Escravocrata divide-se em relação à questão dos direitos da mulher e a outros assuntos
1844: Estimativa de 9.385 Igrejas Batistas, com 6.364 ministros e 720.046 membros nos E.U.A.
1845: Começa a imigração em massa vinda da Europa/ Anexação do Texas/ John L. O'Sullivan cunha o *slogan* "Destino Manifesto" / Metodistas e Batistas dividem-se por causa da escravidão/ Batistas do Sul organizam a Convenção do Sul
1848: Califórnia e México para os E.U.A. / As feministas, em Seneca Falls, Illinois, fundam o Movimento dos Direitos da Mulher/ *Manifesto Comunista* de Marx e Engels
1850: O sétimo censo dos Estados Unidos mostra uma população de 23 milhões de habitantes/ 1 batista para cada 32 habitantes / Fundação do Seminário Teológico Batista de Rochester
1853: **J. N. Brown publica a Declaração de New Hampshire (com 18 artigos) no *The Baptist Church Manual* / *A General History of The Baptist Denomination of America***, de David Benedict
1855: Chegada de Robert Reid Kalley (congregacional) no Rio de Janeiro

1859: *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin
1861-65: Guerra Civil norte-americana